

CAPÍTULO II

LAYOUT⁴



2.1. Template⁵ Teórico

Para entender a óptica com que pretendo focalizar a temática, se faz necessária a apreensão de conceitos⁶ chaves, não os únicos, mas os mais centrais na análise do papel atribuído ao gênero nos diversos setores da sociedade, no caso discurso e identidade.

Antes de deter-me nestes conceitos, gostaria de argumentar que esses estão articulados na perspectiva teórica pós-estruturalista, por esta abalar as estruturas solidificadas na razão, na ciência e na busca do progresso constante do pensamento iluminista. As verdades inquestionáveis do iluminismo produziram um sujeito moderno que HALL (2000) caracterizou como:

totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo ao longo da existência do indivíduo (p.10).

⁴ Layout – “leiaute; (a) esboço mostrando a distribuição física e tamanhos de elementos como texto, gráficos, etc. num determinado espaço; (b) regras determinando a entrada e saída de dados de um computador (MICHAELLIS, 2000)”. Nos *blogs* layout é a feição da página, é o “pano de fundo”, e é com esse sentido que intitulei esse capítulo, pois, nele apresento a lente teórica da pesquisa, o referencial teórica que sustentação a mesma, ou seja, o *layout* do trabalho.

⁵ Conforme Dicionário Digital (MICHAELLIS, 2000), do inglês, “tem.plate; tem.plet n 1 Mec. modelo, molde, padrão, gabarito. 2 suporte de viga”. No mesmo dicionário em sua seção de informática template remete a “gabarito; (i) folha de plástico ou metal com símbolos recortados para auxiliar no desenho de fluxogramas e diagramas de circuito; (ii) (em processamento de texto) texto padrão (como uma carta padrão ou fatura) no qual detalhes específicos (endereço da empresa ou preços ou quantidades) podem ser adicionados; ± template command = comandos de formatação = comandos que permitem que funções ou outros comandos sejam facilmente estabelecidos; a template paragraph command enables the user to specify the number of spaces each paragraph should be indented um comando de formatação de parágrafo possibilita ao usuário especificar o número de espaços que cada parágrafo deve recuar; >> STANDARD, FORM LETTER”. Nos *blogs* template segue essas definições, ou seja, são comandos que permitem a formatação visual das páginas. No trabalho template refere-se a formatação em função da perspectiva teórica, como em sua tradução viga de suporte.

⁶ Utilizarei essa grafia no mesmo sentido que TONINI (2002), devido seu emprego mais constante entre os/as pesquisadores/as culturais, que a empregam, por diferentemente do mais usual, conceito, possibilitar um distanciamento estratégico em relação às filosofias clássicas e modernas.

Calcada na verdade científica da razão a modernidade iluminista estabeleceu relações binárias de poder – homem/mulher, branco/não branco, razão/sentimento, bem/mal – onde os pólos estabelecem disputas, e o elemento primeiro aparece como dominante, através da legitimação de um discurso considerado verdadeiro ou mais válido do que outro. Adotar uma perspectiva pós-estruturalista para análises é questionar o até então inquestionável, é desconstruir o que foi fixado como conceito imutável, é repor em questão sínteses acabadas, agrupamentos que admite-se antes de qualquer exame, laços cuja validade é reconhecida desde o início; “é preciso desalojar formas e forças obscuras pelas quais se tem o hábito de ligar entre si os discursos dos homens; é preciso expulsá-las da sombra onde reinam” (FOUCAULT, 1972, p.32).

Compartilho da compreensão de TONINI (2002), que partindo da concepção foucaultiana, compreende *discurso* “não apenas como a designação de signos e significados às coisas, remetendo ao que se descreve, mas como um processo de relações e práticas sociais que produzem sentido” (p.28). Também a autora comenta que o discurso tem “o efeito de fazer com que a realidade se torne o que ele diz que ela é ou deveria ser. É por essa sua capacidade de fabricar realidade que o que é dito sobre as coisas passa a ter efeito de verdade, e dentro dessa verdade estão contidas relações de poder” (idem). Nesse sentido, se os discursos são legitimados, aceitos como verdadeiros, eles exercem poder e não serão transformados enquanto não houver inversão hierárquica nas forças conflitantes que dominam e são dominadas discursivamente.

Transformar um discurso aceito como verdadeiro, implica em questionar qual identidade ele produz e legitima. Desconstruir enunciados é um questionamento de poder. Concordo com TONINI (2002) de que “é na disputa de qual discurso é mais válido, ou de qual é mais verdadeiro que o poder se exerce, é nessa relação que as identidades serão construídas, negociadas e fixadas, a partir da aceitação de atributos selecionados ou rejeitados para compô-la, situá-la, perpetuá-la” (p.30).

Passei a entender *identidade* a partir das leituras de Stuart Hall. Este autor afirma que foi o projeto da modernidade que produziu um sujeito unificado, localizado solidamente como indivíduo social. As transformações estruturais e institucionais que deslocam o centro das sociedades modernas, estão fragmentando, relativizando a identidade até então vista como unificada e estável.

Nesse sentido ele compreende a identidade como uma “celebração móvel”, ao comentar que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente”. Fala ainda que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL 2000, p.13).

O descentramento do sujeito moderno, não deu-se através de sua simples desagregação, mas segundo HALL (2000) através de um processo de rupturas nos discursos do conhecimento moderno, durante o século XX, onde considera cinco grandes avanços na teoria social e nas ciências humanas: às tradições do pensamento marxista, a descoberta do inconsciente por Freud, o trabalho do lingüista Sausurre, o trabalho de Foucault e o impacto do feminismo, tanto como uma crítica teórica quanto como um movimento social.

Apesar da importância de todas essas rupturas no pensamento do conhecimento, no deslocamento e fragmentação da identidade do sujeito moderno, a que me atentarei é a última, ou seja, o feminismo, que para HALL (2000) “descentrou o sujeito cartesiano e sociológico ao politizar o pessoal, ao contestar politicamente novas esferas da vida social: família, sexualidade, trabalho doméstico; ao politizar a subjetividade, a identidade; o feminismo questionou a noção de que homens e mulheres eram parte da mesma identidade, a Humanidade” (p.45).

Busco identificar a ruptura proporcionada pelo feminismo no sujeito moderno, na Internet, que durante algum tempo foi considerada uma temática alienígena. Entretanto, hoje vem constantemente sendo palco de investigações e pesquisas científicas⁷. No meu entendimento é o avanço de sua utilização para investigação na área das ciências sociais, que tem contribuído de maneira mais significativa para que entendamos o fenômeno social que ela tem proporcionado.

Dentre os entendimentos sobre Internet, me parece importante a divisão proposta por Costigan *apud* GARBIN (2003), em duas categorias de pesquisa em Ciências Sociais. Para esse autor a primeira categoria remete “às habilidades de procurar e recuperar dados de grandes armazenamentos de dados (mercado acadêmico, bibliotecas e todo fluxo de informação que nelas circulam)

⁷ A União Geográfica Internacional – UGI, elegeu a temática de gênero como foco principal de suas pesquisas, para os 4 próximos anos.

uma vez que estes guardam grande quantidade de informações históricas e outras” (p.23). A segunda categoria de pesquisa apontada por Costigan *apud* GARBIN (2003), é a que utilizei nesta pesquisa. Para o autor ela “se volta para as capacidades de comunicação interativa da Internet, como por exemplo, *e-mails* e salas de bate-papo, que são formas de comunicação baseada em texto escrito, com variações de tempo, distância e audiência” (idem).

Nesse sentido encontram-se os *blogs*, que apesar de serem formas assíncronas de comunicação, ou seja, não ocorrem em tempo real, mas que permitem ao/a internauta publicarem determinado texto, ilustrado ou não com imagens, e este conteúdo ser comentado posteriormente por qualquer internauta que acessar o *blog*, podendo ser ou não respondido pelo/a *blogueiro/a*. É nesta relação que se estabelece o jogo e a manifestação das identidades dos adolescentes, que as produzem, reproduzem, negociam e as trocam.

A flexibilidade das identidades no ciberespaço e a expansão das comunidades midiáticas são compreendidas por Maffesoli *apud* NUSSBAUMER (2002) de duas formas, a da “*lógica da identificação* que estaria, na sociedade pós-moderna, substituindo a *lógica da identidade* que prevaleceu durante toda a modernidade” (p.67). Para NUSSBAUMER (2002), o autor aponta uma ambigüidade nas manifestações identitárias, que estariam deslocando-se da identidade em direção à identificação, pois, “de um lado, na sua prática, são alternativas, anunciam o que está nascendo; de outro, na sua verbalização, podem fazer referência à representação que têm à sua disposição” (idem).

Na questão das identidades e identificações de gênero essa interpretação é significativa, pois como pude observar, as manifestações identitárias nos *blogs*, transitam exatamente nesse sentido, entre as tradicionais, que referem-se e representam identidades disponíveis de gênero, e as pós-modernas, que buscam alternativas identitárias, considerando a constante pressão multilateral e multicultural que é exercida sobre o sujeito.

De acordo com Maffesoli, é somente porque o mundo “deve ser isso ou aquilo que o indivíduo deve ter uma identidade” (1996, p.305), trata-se de um pensamento de ordem. Hoje seria preciso refletir o sujeito a partir de um outro modo de abordagem, o da alteridade, dos “outros em torno de mim, ou dos outros em mim-mesmo” (idem). Seria preciso, também, considerar que o indivíduo se constrói a partir da relação, na e pela comunicação, e “assim como há identificações sucessivas, em função dos diferentes momentos da comunicação, pode

haver identificações de diversas facetas da própria pessoa” (ibidem, p.311). Além disso, como explica André Lemos (2001), “no ciberespaço a identidade é ambígua, não existindo certezas (sexo, classe, raça) para a determinação das formas de interação. Sem um corpo como âncora, não há identidade fechada, mas identificações efêmeras e sucessivas”. (NUSSBAUMER, 2002, p.67)

A citação anterior evidencia a importância da investigação em torno de uma perspectiva cultural. Se as identidades são produzidas, fixadas, negociadas em função de uma concepção de mundo e de sociedade pré-estabelecida, é necessário que busquemos interpretá-las em sua construção, para que seja possível desconstruí-las podendo assim, analisá-las a partir das diferenças que são produzidas na sociedade, através das práticas e instituições sociais.

Nessa perspectiva minha pesquisa é ancorada teoricamente no campo dos Estudos Culturais, o qual não apresenta “uma metodologia distinta, nenhuma análise estática, etnometodológica ou textual singular que possam reivindicar como sua. Eles tomam a cultura como centro de análise e não limitam temáticas a tratar, nem as metodologias a serem utilizadas, tampouco os *porquês* de alguns olhares” (GARBIN, 2001, p.31).

Mas a justificativa da realização desta pesquisa mesmo em curso inserido, nessa instituição em que foi desenvolvido, dentro do Centro de Ciências Naturais e Exatas, encontra-se na convergência dos estudos realizados pela Geografia Cultural. Apesar da resistência do pensamento moderno nas instituições e da insistência utópica na invulnerabilidade da razão científica, acredito que a escolha de tal perspectiva foi acertada, uma vez que “a Geografia Cultural nos subsidia pensar a influência que o meio, e todo o contexto sócio-cultural, exerce sobre o indivíduo e sua produção” (MARANDOLA JR.; FERREIRA, 2001, p.214-215).

Meu trabalho está situado dentro da corrente geográfica que ganhou maior destaque a partir dos anos 80. Conforme McDowell *apud* MAIA (2001), existem duas principais linhas teóricas dentro da Geografia Cultural que emerge na década de 80: “uma desenvolvida no Reino Unido e outra nos Estados Unidos: a primeira tornou como foco principal as relações sociais e o significado simbólico, reveladas em ações sociais em um determinado lugar ou localidade, enquanto a segunda enfocava mais especificamente sobre paisagens em si” (p. 90).

Minha pesquisa está inscrita na primeira linha teórica que tem como referência as teorias de Raymond Williams e Stuart Hall. “Nessa perspectiva, a principal preocupação é a análise das maneiras como os artefatos materiais são apropriados, e os seus significados transformados através dos hábitos sociais oposicionistas” (idem).

Por fim, concordo com a leitura realizada por MAIA (2001) de Linda McDowell que aponta como “a principal característica da *nova Geografia Cultural* é o reconhecimento de *significados contestáveis e divergentes*, bem como do caráter temporal e contestável do conhecimento” (idem).

2.2. Configurações⁸ Investigativas

Para desenvolver esta pesquisa precisei experimentar várias formas de organizar o material empírico para submetê-lo à análise articulada com a perspectiva teórica. Inicialmente debruçei-me em leituras afinadas com o tema.

Utilizei obras fundamentais e clássicas como a *Arqueologia do Saber* (1972) e *Vigiar e Punir* (1987), de Michel Foucault, *A Identidade Cultural* (2000), de Stuart Hall, para trabalhar com a perspectiva teórica, a *Cibercultura* (1999) de Pierre Lévy, a *Geração Digital* (1999) de Don Tapscott, a *Vida Digital* (1997) de Nicholas Negroponte, para investigar as abordagens da inserção da informática no cotidiano das relações humanas, no gênero o livro de Guacira Lopes Louro, *Gênero, Sexualidade e Educação* (1997).

Também foram utilizadas teses e artigos mais recentes que tratam de uma forma bastante pioneira a articulação das temáticas por mim propostas para esta pesquisa. Entre estes poderia destacar as *Identidades Juvenis* (2001) de Elisabete Maria Garbin, as *Identidades Capturadas* (2002) de Ivaine Maria Tonini, teses de doutoramento desenvolvidos na UFRGS, e *As Comunidades Virtuais*

⁸ O sentido literal da palavra compreende como a “s. f. 1. Forma exterior de um corpo; aspecto, feitio, figura, conformação” (MICHAELLIS, 2000). Já o entendimento técnico da palavra em informática remete ao “modo pelo qual o hardware e o software de um sistema de computador são planejados e configurados; ± configuration state = estado de configuração = estado de um computador ou sistema ou programa que permite que ele seja configurado” (idem). Nos *blogs* configurações são os procedimentos técnicos que permitem uma página ficar no ar, ser editada e publicada. Neste trabalho são exatamente isso, os procedimentos usados para desenvolver a pesquisa.

GLS (2002) de Gisele Marchiori Nussbaumer, artigo desenvolvido e publicado na UFSM.

Fiz questão de mencionar parte da literatura utilizada para desenvolver a pesquisa, devido a temática proposta ser um tanto inovadora no meio acadêmico. Articular internet, educação, geografia e gênero, poderia parecer uma tarefa árdua, entretanto, devido ao pioneirismo dos trabalhos citados, ela se tornou excitante. Temática, problemática e *corpus* empírico, na perspectiva que me propus a estudar foram trabalhadas separadamente nas obras mencionadas.

Após a revisão bibliográfica emergi no ciberespaço atrás dos *blogs* que até então não conhecia. Existe um ritual para que você possa adquirir seu *passaporte* para o mundo digital. Para conectar o seu computador a *web*⁹, além de uma linha telefônica, um modem¹⁰ e softwares¹¹ adequados, em uma conexão discada, como a que utilizei, são necessários também um *login*¹² e um *password*¹³. Pronto, agora você está habilitado a compartilhar a totalidade fragmentada do infinito ciberespaço.

Para poder realizar esta pesquisa fiz parte do processo de popularização de acesso a Internet, todo material consultado e retirado da *web*, foi proporcionado por uma conexão discada oferecida por um provedor gratuito. Digo isso, porque em conversas com colegas, professores e amigos, vários manifestaram desconfiança e restrições a qualidade e confiabilidade da *Internet*

⁹ Para GARBIN (2002), *web* é o “diminutivo para *World Wide Web* – *www* – (ampla teia mundial). Um sistema de distribuição de informação em hipertexto pela Internet (pode-se dizer que a Internet é o encanamento e que a *web* é a água que corre pelos canos). Foi criado no laboratório do Cern, em Genebra, em 1991, pelo físico Tim Berns-Lee. As duas (*Web* e Internet) Redes acabaram se fundindo e hoje a palavra *web* é usada como sinônimo da própria Internet e vice-versa” (p.10).

⁹ LÉVY (1999) entende que *site* é um “conjunto de páginas da Web que façam parte de um mesmo URL ou “endereço”. A idéia de site está relacionada à idéia de “local”, o que na verdade é um tópico complexo em se tratando de um espaço virtual criado por uma rede distribuída que lida com hiperdocumentos” (p.258).

¹⁰ Modem – MOdulador DEModulador (modulador/demodulador). Para LÉVY (1999), modem é um “equipamento de telecomunicações que permite a um computador transmitir informações digitais através de linhas telefônicas comuns (sejam elas digitais ou analógicas). Os modems convertem a informação digital armazenada nos computadores em uma frequência de áudio modulada, que é transmitida pela linha telefônica até um outro modem, que executa o processo contrário, reconvertendo a informação para seu formato digital original” (p.256).

¹¹ *Software* – Um programa de computador. “O software consiste de um conjunto de instruções em linguagem de máquina que controlam e determinam o funcionamento do computador e de seus periféricos” (ibidem, p.258).

¹² O mesmo que nome de usuário, ou seja, é o seu *nickname* na Rede, normalmente para conexão com a Internet é acompanhado de @ mais o domínio do provedor que oferece o acesso. Por exemplo: gutmicisa@pop.com.br.

¹³ “*Password* – em inglês, *password* significa senha, passe. A senha ou *password* é imprescindível aos/as usuários/as da Rede, pois é necessária para poderem acessar o provedor de Internet de sua escolha. Sem uma senha/*password* não há como conectar-se à Rede” (GARBIN, 2002, p.8).

grátis. Entretanto, tal serviço mostrou-se eficaz e satisfatório a ponto de viabilizar a presente pesquisa.

Para localizar os *blogs* no ciberespaço lancei mão de serviços e ferramentas disponíveis na *web*. São os sites¹⁴ de busca da Internet, utilizei dentre os mais conhecidos o Altavista¹⁵, este serviço levou-me até o site BLOGS.COM.BR, intitulado *O Portal de Encontro de Blogueiros do Brasil*. Este site oferece várias formas de busca de *blogs*, por tema, por idade, por estado e cidade, e também aleatoriamente. A página apresenta um *link*¹⁶ denominado *blog aleatório*, ao clicá-lo é exposto um *blog*, independentemente das caracterizações anteriores.

Foi esta a forma que adotei para localizar os *blogs*, aleatoriamente fui analisando-os e selecionando os que enquadravam na faixa etária que estabeleci para investigação que foi de 12 a 20 anos, por esta representar a possibilidade dos/as jovens estarem em escolas do ensino básico. A cada *blog* apresentado após o clique no link *blog aleatório*, identificava a identidade dos autores na seção perfil e fazia uma prévia análise de seus discursos de gênero, destacando-os ou tomando-os para análise.

Dos 24 *blogs* utilizados para a investigação, 20 eram assinados por meninas e 4 por meninos. Saliento aqui, que esta proporção guarda uma relação direta com a ferramenta de busca aleatória de *blogs*, ou seja, esta proporção é próxima da frequência de ocorrência de *blogs* femininos ou masculinos. Os *blogs* selecionados foram salvos em um microcomputador, onde mesmo *off-line* através do software ou *browser*¹⁷ Microsoft Internet Explorer versão 6.0.2600.00015, era

¹⁴ LÉVY (1999) entende que *site* é um “conjunto de páginas da Web que façam parte de um mesmo URL ou “endereço”. A idéia de site está relacionada à idéia de “local”, o que na verdade é um tópico complexo em se tratando de um espaço virtual criado por uma rede distribuída que lida com hiperdocumentos” (p.258).

¹⁵ “AltaVista é uma empresa da Overture Services, Inc. (Nasdaq: OVER), é um provedor global líder em serviços de pesquisa e tecnologia, tem sede em Palo Alto, Califórnia. A tecnologia de serviço do Alta Vista foi o líder desde a primeira tentativa como o primeiro serviço de pesquisa completo da Internet em 1995. A empresa adicionou a pesquisa em vários idiomas com suporte para 25 idiomas em 1997; apresentou 20 sites locais de países entre 1999 e 2001; lançou suporte de pesquisa de multimídia (áudio/vídeo/imagem) em 1999; foi o primeiro e principal mecanismo de pesquisa a introduzir a pesquisa de notícias de Internet gratuito em 2001” (ALTAVISTA, 2003).

¹⁶ Segundo LÉVY (1999) *link* é freqüentemente traduzido como “vínculo”, “um link é uma conexão entre dois elementos em uma estrutura de dados. Os links permitem a navegação dentro de um documento hipertextual (ou hiperímia). Na Internet, um link é qualquer elemento de uma página da Web que possa ser clicado com o mouse, fazendo com que o navegador passe a exibir uma nova tela, documento, figura etc” (p.256).

¹⁷ Browser é um software específico para navegação na Internet. Entre os mais populares para utilização em ambiente operacional Windows são Microsoft Internet Explorer e o Netscape.

possível o acesso as informações textuais e gráficas, na verdade constituí um banco de dados, onde estavam armazenados os *blogs* e os dados neles contidos.

Os dados e informações sobre a tecnologia e o processo de informatização nas escolas estaduais de ensino básico, foram buscados na Internet também. Fiquei bastante surpreso com a quantidade de informação disponibilizada pelo Governo do Estado no site Rede Escolar Livre RS, e no site da Secretaria da Educação — SE. As informações sobre a distribuição de laboratórios de informática e das escolas que os possuem foram obtidos no site do Núcleo de Tecnologia Educacional da Região Central — NTE/RC.

Assim, buscando manter a coerência com a temática proposta busquei interagir com todos os meios que proporcionassem informações e descobertas sobre o estudo que realizei. Livros, revistas, jornais, sites, *blogs* e todo este instrumental mostram que se configura na paisagem pós-moderna, uma nova forma de produzir o conhecimento, de estabelecer relações sociais, de protestar, de se divertir, de consumir. Enfim, a grande teia dos computadores, precisa ser analisada, ser problematizada, ser encarada não como a única, mas como mais uma possibilidade de investigação, que interage e condiciona a vida digital e social na pós-modernidade.

Esta pesquisa pretende contribuir para estudos de Geografia de gênero tentando responder as seguintes indagações:

- como a escola utiliza a Internet em sua prática pedagógica?
- como ocorre o processo de construção identitária pelos *blogs*?
- quais são os referentes identitários em deslocamento?